



A CONCRETIZAÇÃO DO NARRADOR EM RAUL DA FERRUGEM AZUL

Ana Karla da Silva Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande – oliveiraufcg@hotmail.com

Maria Albenize da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – albenizesoares@gmail.com

Márcia Tavares

Universidade Federal de Campina Grande –tavares.ufcg@hotmail.com

RESUMO:

Zilberman (1987) discute que a Literatura Infantojuvenil Brasileira apresenta, em seu percurso histórico, duas vertentes constitutivas de seus textos: uma autoritária e outra emancipatória. Esta afirmação só pode ser defendida quando, a partir da análise dos elementos formais da narrativa (tempo, espaço, enredo, personagem, narrador), podemos verificar se as obras assumem fins predominantemente didatizantes, próprios da vertente autoritária, ou apresentam dados de construção identitária, constituinte da vertente emancipatória. A partir deste princípio, selecionamos para este artigo os estudos realizados sobre as formas de narrar e seus mecanismos de concretização na obra *Raul da Ferrugem Azul* (1979), da autora Ana Maria Machado. Em nossa análise verificaremos as marcas ideológicas encontradas no discurso do narrador que indiquem possíveis relações com as duas vertentes discutidas na fundamentação teórica acima citada. Nesse sentido, faremos considerações sobre a obra dentro dos princípios estético-ideológicos propostos por Khéde (1990) e, unidos a estes princípios, analisaremos a concretização do narrador na obra estudada, respondendo ao objetivo estipulado. Para tanto, adotamos ainda os textos de Zilberman e Magalhães (1987), Palo e Oliveira (2005), Safra (2006) e Zilberman (2005).

PALAVRAS-CHAVE: Narrador, Autoritarismo, Emancipação, Ana Maria Machado.

LITERATURA INFANTOJUVENIL NO BRASIL: AUTORITARISMO E EMANCIPAÇÃO

Para falar sobre a literatura infantojuvenil brasileira é necessário retomar a origem deste gênero, uma vez que este momento foi marcado cronologicamente. De acordo com Zilberman (1987), as primeiras produções destinadas à criança em nosso país surgiram no século XIX, período em que o modelo econômico industrializado e a imposição do modo de vida urbano conduziram o estabelecimento da escola. Neste universo, a presença de livros de leitura adequados para os pequenos tornou-se uma necessidade.

A imprensa Régia (implantada em 1808 no país) exercia, conforme a autora, a função de distribuir essas obras, que eram traduções e adaptações de clássicos estrangeiros.



Cumprindo funções primordialmente didáticas, estes livros disseminavam valores (hábitos, conceitos, crenças, etc.) vigentes na sociedade, descaracterizando o que seria de fato uma produção para o público infantil. Zilberman (1987) caracteriza tais textos como sendo próprios de uma vertente autoritária, isto é, narrativas em que o objetivo principal consiste em manipular a compreensão do leitor, levando-o a legitimar determinados valores e a reprovar outros, segundo os interesses ideológicos dos adultos que as escrevem.

Em 1921, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, primeira obra infantil de Monteiro Lobato, houve uma mudança significativa ⁽¹⁾ da marca autoritária que predominava nos livros infantis em terras brasileiras. Conforme Magalhães (1987), Lobato modificou o plano linguístico e ideológico de suas narrativas, escrevendo-as com a intenção de contemplar o universo infantil e atrair o pequeno leitor. Entre os anos de 1920 e 1945 os autores que sucederam esta publicação, embora se espelhassem em Lobato, não demonstravam comprometimento com o caráter estético de suas produções, assim, aliados ao acelerado desenvolvimento industrial, respondiam a fins meramente lucrativos, o que resultou, para Magalhães (1987, p.139), em “histórias piegas ou, simplesmente, inconsequências nascidas da confusão entre o infantil e o primário”.

Somente entre as décadas de 1960 e 1970 ocorre a grande explosão da literatura infantojuvenil no Brasil, devido ao processo de urbanização da sociedade e ao surgimento e valorização de novos escritores, além dos canônicos, que não se submetiam aos padrões da sociedade e refletiam isso em suas obras- apresentando novas formas de narrar e lidar com a tradição-. É nesse contexto Zilberman (1987) define as produções como sendo próprias da vertente emancipatória: aquelas que procuram dar voz à criança, representando-a como protagonistas que buscam sua identidade, vivenciam situações conflituosas, são questionadores.

Dentre os escritores mais representativos deste período está Ana Maria Machado, com uma carreira que perdura mais de 60 anos e trás uma bagagem de obras amplamente reconhecidas, a exemplo de: *Bem do Seu Tamanho* (1980); *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981); *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986); *História Meio ao Contrário* (1978) e *Raul da Ferrugem Azul*, (1979) etc.

⁽¹⁾ Mesmo que a obra de Lobato tenha rompido com os cânones pedagógicos da literatura infantojuvenil, principalmente no que se refere à concomitância entre a fantasia e a realidade, é significativo destacar que este livro ainda repassava uma ideologia patriotista e certos padrões de comportamento. Além disso, era o “segundo livro de leitura para escolas primárias”, conforme Magalhães (1987).



Machado iniciou suas produções infantis escrevendo textos para revista *Recreio* e, a partir de 1977, passou a transformá-los em livros, a exemplo de *Bento-que-Bento-é-o-Frade* (1983), *Severino Faz Chover* (1994), *Curupaco Papaco* (1982). Para Zilberman (2005), as obras desta autora revelam seu vínculo com a época em que o Brasil submetia-se a um governo ditatorial, e completa afirmando que

A obra de Ana Maria Machado sinalizava, na virada dos anos 70 para os anos 80, que a literatura infantil não apenas se insubordinava contra o sistema vigente, fosse ele o literário, o político ou o econômico. Revelava igualmente que era hora se fazer uma nova história, ‘meio ao contrário’, porque, se dava seguimento ao que de melhor a literatura infantil fornecera até então [...] (ZILBERMAN, 2005, p.54)

Nesse sentido, os livros de Ana Maria Machado, frequentemente, apresentam personagens que representam a diversidade cultural brasileira, abordam temáticas consideradas “tabus”, problematizam questões relacionadas à desigualdade social, à discriminação, às injustiças sociais entre outros.

Para os fins deste artigo, selecionamos a obra *Raul da Ferrugem Azul* (1979), desta autora, com o objetivo de verificar as marcas ideológicas encontradas no discurso do narrador que indiquem possíveis relações com as duas vertentes discutidas anteriormente, observando as mudanças imprimidas da literatura infantojuvenil durante o percurso de afirmação deste gênero. Dentre os elementos formais que constituem a narrativa (personagem, tempo, espaço, ambientação enredo), analisar a concretização do narrador se justifica por entendermos que “tudo dependerá do foco narrativo ou, ainda, do ponto de vista que o narrador assume frente àquilo que narra” Palo e Oliveira (2005, p.43).

METODOLOGIA

Para Khéde (1990), qualquer estudo que se faça de um texto literário deverá levar em consideração o projeto estético e ideológico de um autor ou período literário. Em conformidade com a autora, entenderemos

Por projeto estético (...) as relações internas do texto: foco narrativo, personagens, tempo, espaço, jogo de palavras; [e] por projeto ideológico (...) a relação histórica que pressupõe a chamada visão de mundo do autor. (KHÉDE, 1990, p.8)



Ancoramo-nos nestes pressupostos metodológicos para tecer comentários sobre a obra, nos atendo, no entanto, às formas de narrar e seus mecanismos de concretização, para responder ao objetivo estipulado. Adotamos ainda os textos de Magalhães e Zilberman (1987) e Zilberman (2005), sobre literatura infantojuvenil e tomamos como fonte as obras de Palo e Oliveira (2005) e Safra (2006), sobre os estudos do narrador.

O NARRADOR NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Com base nas reflexões de Safra (2006), o ato de narrar no cotidiano da sociedade tem o papel de presentificar uma experiência, transmitindo para o ouvinte o conhecimento adquirido por meio delas, tirando ainda ensinamentos e propósitos. Manipulamos o nosso narrar quando compartilhamos estas experiências para atingir o fim desejado. Narrar reflete as intenções que se tem ao contar determinado fato para o leitor. Na literatura infantil não é diferente. A maneira que o narrador conta a história determina como ela se constituirá, pois ele a molda de forma a transmitir ou não seus propósitos e ideologias.

Magalhães (1987) afirma que, em sua origem vinculada à pedagogia, o propósito principal de narrar para as crianças era perpetuar valores regidos pelo padrão de “normalidade” de uma sociedade idealizada. Estes se difundiam com base no que o princípio vigente, sob a ótica adulta, considerava adequado e necessário para as crianças aprenderem. Nesse contexto, o narrador revela-se a voz do adulto que, partindo da passividade infantil, utiliza de forma e arranjo específico para persuadir e conduzir o leitor à seus propósitos, sejam eles educativos, morais, sociais. Por outro lado, os textos produzidos a partir dos anos 70 começam a esquivar-se do maniqueísmo e refletir a realidade social brasileira, na qual a delimitação do espaço da criança já se fazia presente.

Para Zilberman (2005), todo texto fornece alternativas predeterminadas e possíveis de interpretação, no entanto, o que diferencia uma obra pedagogizante/autoritária de uma emancipatória é o fato de que, no segundo caso, esta possibilidade interpretativa não está explícita no texto e nem tão pouco apresentada como “certa” ou “errada”, como ocorre no primeiro caso. Nas palavras de PALO e OLIVEIRA (2005),

[...] assumir um ponto de vista mais ou menos próximo do objeto da narração determinará, necessariamente, diferentes modos de vê-lo, cifrá-lo, significá-lo. Significação esta que não está no fato em si, mas no modo como é preenchido, modulado e comunicado ao Receptor. (p.43).



Seguindo este raciocínio, o foco narrativo pode partir de duas naturezas: distante ou próxima dos acontecimentos narrados. Quando distante, o narrador assume o ponto de vista central da narrativa e fornece ao leitor os acontecimentos sob sua perspectiva. Zilberman (1987) concorda com estas autoras quando alega que esta distância é um fator manipulável, e completa afirmando que o narrador conta num tempo posterior aos fatos ocorridos, demarcando o que é a sua voz e a voz do(s) personagem(s). (parágrafo) Quando próximo, o narrador possibilita uma comunicação mais direta possível entre quem narra e quem lê. Desta forma, incorpora-se o discurso oral como padrão narrativo, do qual decorre a “pouca sistematização (...) [e] permitem-se redundâncias, os desvios da norma linguística, a informalidade de expressões populares (...) e a construção de enunciados sem ordem hierárquica” (p. 45) Zilberman (1987) acrescenta que esta aproximação pode provocar o entrelaçamento da voz da criança com a voz do narrador que, por vezes, podem ser até mesmo confundidas.

Corroborando com as ideias apresentadas esta autora ainda afirma que “(...) quanto mais este [o narrador] centraliza a interpretação, tanto menos possibilita uma participação no universo ficcional (...). Evitando o dirigismo (...) amplia as modalidades de deciframento de seu produto” (p.82). Em outras palavras, mesmo partindo de sua perspectiva, o narrador pode agir de duas maneiras. Na primeira, quando amplia as possibilidades de contar, abrindo espaços para outras vozes no texto, ele oferece caminhos para as possíveis interpretações que o leitor pode fornecer ao texto. Na segunda, quando a narrativa gira em torno do monopólio de sua fala e transmite apenas o seu ponto de vista perante aos fatos ocorridos, o narrador impossibilita as interpretações do leitor ao mesmo tempo em que o leva a valorizar sua óptica.

RAUL DA FERRUGEM AZUL: ASPECTOS DA OBRA E DO NARRADOR

No início da obra, o narrador expõe as reflexões de Raul sobre o que seriam as manchas azuis que surgiram em seu corpo, na escola. O garoto tenta livrar-se delas de várias maneiras, mas não consegue. Ninguém às vê, somente ele, o que o deixava ainda mais angustiado. Mais manchinhas continuaram a surgir em seu corpo e, em um determinado momento, ele percebe que elas eram ferrugem. Angustiado com a situação, e sem contar às pessoas o que estava acontecendo,



Raul pede ajuda a Tita, empregada de sua casa, que o recomenda ir à casa de Preto Velho, um sábio conhecido.

O menino segue o conselho de Tita e, a caminho da casa de Preto Velho, encontra Estela em meio a uma discussão. Ele ouve a garota falar sobre ferrugem, e pergunta o que ela sabe a respeito do assunto. Logo arranja uma amizade. Depois que visita o sábio e não entende bem o que as palavras dele significavam, Raul ouve a experiência de Estela com a ferrugem, e compreende melhor o assunto. Na volta para casa, ele pôde constatar que existia uma relação entre suas atitudes e o (des) aparecimento da ferrugem e, chegando em sua casa, conta para Tita somente até certo ponto o percurso percorrido, pois oferece ao leitor a possibilidade de concluir a história que está sendo narrada.

Raul é descrito pelo narrador como alguém que “(...) não era de se meter em brigas, (...) não dizia nada. Não chateava ou outros. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém (...) era um menino bonzinho e comportado.” (p.9). Estas características apontam para um menino que se submete ao “poder” delegado àqueles que são “maiores” que ele. Além disso, ao longo do texto, vemos expressões como: “Em menino menor não se bate, é covardia” (p.9); “[...] Que malcriação (...). Respondendo aos mais velhos...” (p.44) etc. que, costumeiramente, são utilizadas pelos adultos para “instruir” os pequenos. Nesse sentido, a obra problematiza, a partir da ótica infantil, o autoritarismo, característico do período ditatorial conforme Khéde (1990).

A contrapartida é apresentada ao fim do percurso percorrido por Raul, quando ele passa a não mais comportar-se como antes, e utiliza expressões de crianças ditas “malcriadas” como: “Cala a boca já morreu. Quem manda em mim sou eu” (p.44). Vemos que, além de tudo, o personagem percorre uma espécie de processo de busca pela identidade ao longo do texto. Ele sai da passividade em que vivia para “encontrar-se” e entender o porquê o que pensava não se enquadrava/concretizava nas ações que presenciava. Desta forma, como alega Khéde (1990, p. 67), a Literatura de Machado reflete uma sociedade que enfrenta um período de transformações, ideologicamente, defendidas por ela. A obra em análise representa, nas atitudes que Raul testemunha, os valores (dominantes) desta sociedade e problematizá-los, conduzindo o leitor ao questionamento do convencionalismo de certos comportamentos, o que, sem dúvidas, é uma proposta interessante para o público infantil.

Outra informação relevante a respeito do mesmo é o fato de sua linguagem abrir mão do rebuscamento e dar vez ao coloquialismo, o que, segundo Palo e Oliveira (2005), corrobora para estabelecer aproximação entre a obra e o leitor, ao passo que proporciona-o uma leitura rápida e de



fácil compreensão. Este recurso não se restringe apenas ao discurso direto ou indireto, mas está presente também no discurso do narrador. Podemos observar o uso de expressões comuns da oralidade nas seguintes passagens, as quais serão retomadas:

- **Pô**, seu idiota, que é que você ta esperando? [...] (MACHADO, 1979, p. 10)

- [...] As vezes eu peço uma **mãozinha** ao meu irmão mais velho. (Idem, 1970. p. 16.)

Aí o Guilherme já vinha chegando e enchendo o Márcio de **bolacha** [...] (Idem, 1979, p. 10)

Nos dois primeiros trechos, as falas são dos personagens (criança). A expressão “pô” designa uma interjeição e, por isso, utilizada na linguagem oral. O termo “mãozinha”, que é também uma marca da oralidade, equivale a “ajuda” na linguagem formal. No último fragmento, o narrador descreve a briga entre Márcio e Guilherme. O emprego do advérbio “aí” indica uma marcação temporal de matriz oral, que pode ser substituído, formalmente, por “nesse momento”.

Por meio destes dados, percebe-se que não há demarcações explícitas, em se tratando do padrão de linguagem, que diferenciem os discursos do personagem e do narrador. Diante disto, conforme Zilberman (1987) há momentos nos quais estas falas podem estar unidas. O trecho a seguir exemplifica este fenômeno.

“Sozinho na mesa da copa, na frente do prato, bem que não tinha ninguém, pensava ele. Ninguém, como? E o prato de comida? Apareceu ali por mágica? Pô, que raiva, até ele estava entrando nessa? Muito confuso, começou a bater papo com a empregada: [...]” (MACHADO, 1979, p. 24)

Neste fragmento, não conseguimos distinguir, a rigor, de quem seria a fala. Há possibilidades de acreditar que é um pensamento de Raul, pois o narrador permite que o personagem fale, ou um comentário do próprio narrado, já que ele fala em terceira pessoa.

Outro recurso linguístico utilizado na narrativa diz respeito ao uso de vocativos, questionamentos, expressões em primeira pessoa do plural etc. que atribuem função singular à obra. Como exemplos, podemos ver os recortes abaixo:

Um problema que só ele podia resolver. **Só ele?** No dia seguinte achou que não. (MACHADO, 1979, p. 16)

- Entrou pelo pé do pato, saiu pelo pé do pinto. Quem quiser que conte cinco. Ma se **você** contar uma, pelo menos, eu já fico satisfeito. E **você** mais ainda. (Idem, 1979, p. 47)



No primeiro caso, ao descrever os pensamentos de Raul sobre como poderia livrar-se da ferrugem azul, o narrador afirma que este problema “só ele podia resolver”. Em seguida, questiona se, de fato, “Só ele?” poderia dar fim a ferrugem. Este (e outros) questionamento não se dirige ao próprio narrador ou a um dos personagens da história, mas a um leitor, cuja resposta será revelada por meio da leitura. Isto corrobora para a aproximação entre a obra e o leitor, colocando-o na condição de participante da narrativa. No segundo caso, os termos destacados, além de serem expressões de inclusão do leitor ainda mais explícito que no primeiro exemplo, Palo e Oliveira (2005), são recursos que Machado utiliza para oferecer ao personagem a possibilidade de enunciar sua própria história, por meio da estrutura típica de narrativas lendárias, e convidar o leitor a “prosseguir o ciclo confirmador da raiz de oralidade” (p.55).

Fora isto, em muitos momentos do livro, após a fala do personagem, o narrador introduz seus próprios comentários a respeito de que foi dito, como segue:

A cabeça dele ainda estava muito ocupada com o pensamento da briga [...] que nem houve. **Mas que bem que deveria ter havido.** (MACHADO, 1979, p.8)
Já vinha com a raiva daquele papo da turma, com a dor de sua **covardia engolida**, e ainda ia ter que aturar essas **desgraçadas** dessas manchinhas? (Idem, 1979, p.21)
Brigão ele? Nunca o tinham chamado disso. Não brigava, não discutia. Só mesmo essa vez, porque não conseguiu ficar calado, **não dava pra engolir.** (Idem, 1979, p. 45)

No primeiro trecho em destaque, o comentário do narrador inclui sua opinião sobre o fato de não ter havido briga entre Raul e Márcio. Esta visão é direcionada em defesa dos ideais da autora, de que é necessário lutar pelas situações injustas que vivenciamos, uma vez que se refere ao receio que Raul tem de enfrentar um menino menor que ele. A metáfora “covardia engolida”, mencionada pelo narrador no segundo trecho, faz alusão ao silêncio do personagem no momento em que seus colegas têm uma conversa preconceituosa em relação aos negros e pobres. No último exemplo, a sentença “não dava para engolir” é proferida pelo narrador a fim de justificar/atestar a ação do personagem, de ter enfrentado o motorista do ônibus que tratou mal uma senhora, e comprova que o narrador concorda com a atitude tomada por Raul.

Ao mesmo tempo em que estes comentários feitos pelo narrador contribuem na construção de um ponto de vista a ser defendido durante a obra, eles dirigem a interpretação/opinião do leitor diante do fato narrado, pois, leva-os a dar credibilidade às ação do personagem. A própria paginação dos exemplos confirma que este tipo de comentário é feito ao longo da narrativa, auxiliando de maneira gradual na propagação desta visão.



Sobre o penúltimo parágrafo, destacamos ainda o adjetivo “desgraçadas”, por se referir às manchas azuis de maneira negativa. Na visão de Khéde (1990), a presença da fantasia (ferrugem) na obra corrobora para a “conscientização de que a criança possui um universo particular potencialmente criativo e inovador que o contexto acaba por oprimir ou neutralizar” (p.68). Mesmo que os personagens não possam vê-la, este item maravilhoso adentra ao cotidiano de Raul sem o auxílio/justificativa de recursos mágicos, sonhos etc. No entanto, o conflito é gerado por um questionamento que parte das manchas azuis atribuídas ao protagonista por ter “retraído” os seus sentimentos, pensamentos e opiniões. Somente por meio desta aparição, Raul é levado a refletir sobre sua falta de atitude diante do comportamento - considerado incorreto - dos demais personagens. Raul deseja livrar-se da ferrugem ao longo do caminho que percorre, e ela é caracterizada negativamente pelo narrador. Desta forma, é possível considerá-la uma “punição” aos sujeitos que se mostram inertes às situações problematizadas na obra. Além disso, suas cores parecem simbolizar a contribuição singular que cada um pode trazer no combate à estas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao selecionarmos o foco narrativo como norte deste trabalho, partimos do princípio que através da análise de sua concretização verificaríamos uma possível ideologia vinculada às vertentes autoritária ou emancipatória. Os resultados obtidos por meio deste estudo impossibilitam-nos de rotular a obra *Raul da Ferrugem Azul* como pertencente a uma ou outra vertente, pois, as características das formas de narrar oscilam entre ambas.

Uma vez que o narrador parte de um ponto de vista próximo aos acontecimentos narrados, incorporando o discurso oral como padrão, temos condições de afirmar que a obra possui vertentes emancipatórias, uma vez que este recurso atua na aproximação entre obra /fato narrado/ leitor, desconstruindo a visão hierárquica do narrador como o detentor do poder. Por outro lado, observamos que, ao introduzir comentários de ações, pensamentos e sentimentos dos personagens; o narrador ora assegura e/ou justifica o que foi dito/realizado anteriormente; ora introduz sua opinião sobre o que está sendo narrado, quando isto não vai de encontro à sua visão; o que nos leva a percepção de que a obra possui vestígios de uma ideologia autoritária.

Tais vestígios podem manifestar-se de diversas formas na superfície textual. Em se tratando da configuração do personagem, por exemplo: um garoto que deseja resolver seus problemas (com ajuda ou sem ajuda), que constrói sua identidade gradativamente e aprende a sobrepor sua voz,



teremos uma resposta. De outra forma, observando a construção simbólica e maravilhosa da ferrugem, constataremos outros resultados. Parece-nos que esta simbologia oferece mais subsídios para uma afirmação mais ampla do caráter autoritário ou emancipatório da obra que a concretização do narrador, como pensamos de início. Por essa razão, nossa análise não pretende esgotar as possibilidades de estudo do texto em questão, mas abrir novos olhares e reflexões a respeito do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2ª ed São Paulo: Ática, 1990.
- MACHADO, Ana Maria. *Raul da Ferrugem Azul*. 37ª ed Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.
- OLIVEIRA, Maria Rosa D. e PALO, Maria José. *Literatura infantil voz de criança*. São Paulo: Ática, 1986.
- SAFRA, Gilberto. O narrar. In: _____. *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo, 2006, 21-33.
- ZILBERMAN, Regina. e MAGALHÃES, L. Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª ed São Paulo: Ática, 1987.
- _____, *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*: Objetiva, 2005.